

ENTREVISTA COM MALU LINDEMANN

Entrevistadora: Giuliana Costa

Duas histórias pessoais de vivências africanas: Dar-es-Salaam, Tanzânia e Marrakech, Marrocos.

I. Introdução e minicurrículo

Meu nome é Maria Lucia Lindemann, Malu, sou brasileira de origem, nasci em Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais, em 2 de março de 1967. Uma grande atração por viagens e pela língua francesa marcou, para resumir, meus anos de adolescência e jovem adulta. Estudei engenharia química na UFRJ mas, sem me projetar nessa carreira, resolvi “parar para pensar” aceitando um emprego numa empresa francesa de despoluição de rios (bacia do Rio Doce e Paraíba do Sul) em 1991. Dentre diversas experiências nessa empresa, uma série de sincronidades me fizeram encontrar o homem que seria meu marido, em 93. Sou casada há 21 anos e temos dois filhos: Thais de 18 e Thomas de 16. Vivemos também em Bordeaux, na França, onde me graduei em francês na Université Michel Montaigne III e fiz a Escola de Belas Artes de Bordeaux; em Lisboa, Portugal e em Madrid, na Espanha, onde moramos atualmente. Além das responsabilidades familiares aqui e no Brasil, dedico-me diariamente às tertúlias conscienciológicas *online* e às autopesquisas decorrentes e finalmente, ao estudo da língua espanhola para tentar uma vaga na universidade pública para estudar Psicologia.

II. Entrevista

1. Dar-es-Salaam, Tanzânia (fevereiro 1994 a abril 1996)

Me lembro-me dos meus familiares e amigos dizendo, brincando, que eu tinha sido enganada, pensando que ia viver em Paris! A verdade é que foi uma experiência excepcional. Revalorizamos aquilo que facilmente se banaliza. Percebi que minha vida seria não somente fora do Brasil como em diversos outros países e que certa responsabilidade estaria nas minhas mãos. Não pesei mais consequências, a proposta me atraía. Assim foi. Nosso primeiro posto (diretor de uma Multinacional responsável por controle de qualidade de exportações e importações): Dar es Salaam, capital da Tanzânia.

Chegamos em Dar em fevereiro de 1994. Nessa altura a situação sócio-política da região não era nada boa. Essa tensão devia-se a problemas ligados aos refugiados de conflitos antigos entre fronteiras (Burundi, Rwanda, Tanzânia e Quênia), tema recorrente em vários países da África (rivalidades entre etnias hutus (maioria) x tutsis (minoría)).

Não estou certa de se poder falar de choque cultural imediato. Quanto ao primeiro impacto visual, para um brasileiro de classe média que tenha viajado por regiões mais desfavorecidas no próprio país, poderia se ver sem maiores traumas naquela paisagem. Além disso, éramos jovens e curiosos e tudo novo parecia, interessantemente desafiador. Mas a verdade é que a maneira de funcionar dos africanos e daquela sociedade ainda tribal logo impôs suas diretrizes.

Pôr a casa em funcionamento levou um certo tempo. Não havia televisão, nem internet (não existia ainda), raramente havia telefone, água e luz. Essas coisas que, até então, não tomam mais que alguns minutos para serem resolvidas. A água, cor de barro, vinha num carro pipa. Já havia encontrado minha primeira atividade! Tínhamos um gerador de eletricidade à diesel que funcionava quase toda a semana. Com o tempo, o barulho daquela máquina se confundiu com o canto dos autofalantes das mesquitas anunciando a hora do profeta. Isso era uma verdadeira invasão de domicílio. Infelizmente não tínhamos escolha. Meu impulso foi não aprofundar mais naquele tema e passar para próxima página. Dessa forma, aquela cantoria diária fazia parte do pano de fundo. Afinal, éramos ali “convidados” e como diz o outro, “os incomodados que se retirem”. De fato essa seria, com o tempo, uma boa divisa! Foi uma das minhas primeiras revalorizações: a liberdade religiosa e ideológica existente no Brasil, ainda que de “rabo de olho”.

O sistema telefônico funcionava por *call back*. Chamávamos um número que nos chamava de volta com uma linha livre. Tudo seria formidável se eles chamassem de volta. No entanto, isso acontecia bem raramente. O fax era então a melhor opção e o adotamos, felizes da vida.

Uma vez a casa em funcionamento, pude me dedicar ao estudo do swahili, inglês e francês. Percebi que havia muitas mulheres na minha posição, estavam ali para acompanhar seus maridos, estes com contratos de expatriados. Recorrente eram as separações e os divórcios depois de certo tempo. Podemos imaginar as razões. A criatividade era sem dúvida *la monnaie d'échange* (a moeda de troca) antitédio. Uma atividade inusitada acabou surgindo com o tempo. Uma certa mulher, de origem Belga, munida de um *savoir faire* de costureira, possuidora de contatos com costureiros do Zaire (povo bem conhecido pelo talento com tecidos) e com importadora de tecidos indianos e ingleses, criou uma grife e me convidou para ajudar. Conseguíamos o material vindo da Índia, da Inglaterra e do Egito. Outras pessoas vieram participar e criamos momentos de bastante integração, inclusive com artigos na mídia. Ainda que tenha durado pouco tempo trouxe a todas e todos boas idéias para prosseguir.

A cidade de Dar era bem caótica e suja. Na verdade, não me espantava tanto, visto meu próprio país! Para compensar, os tanzanos eram simpáticos e prestativos. Bastava notar que precisávamos de algo que chegavam sem maiores dificuldades de comunicação. Tinham um sorriso fácil e acolhedor. O tempo sempre podia esperar. Não encontrei ninguém correndo atrás do relógio. Muito pelo contrário. Estavam ali, inteiros naquele momento.

Não me pareceu tampouco que havia fome naquele país. A terra era fértil e se comia muita banana, milho, batata doce e carne de caça. O *ugali*, prato típico à base de farinha de milho, empanzinava o povo, sustentando o corpo para todo o dia. Devo dizer que a maioria dos nativos que trabalhava no centro de Dar, andava cerca de 3h por dia para chegar ao trabalho. Havia um ônibus que encurtava o trajeto, porém não dava para todos. As bicicletas eram também muito bem-vindas.

No centro, os indianos dominavam o comércio e os serviços, enquanto os africanos, os ambulantes e opcionais (assistentes nos portos, carregadores, seguranças, *office boys*, vendedores, empregados domésticos, etc). Lembro-me de comer batatas doce na brasa elaboradas ali na calçada (se podemos chamar assim) numa lata com carvão em brasa (já vimos esse filme no Rio de Janeiro...). As garrafas de água mineral eram uma desafio. As tampas eram reconduzidas à mão e revendidas. Recomendavam-nos beber coca-cola se estivéssemos na rua. Com as grandes chuvas, muitas vezes era preciso decidir rápido: ou desistíamos à tempo do trajeto ou ficávamos ilhados. Os buracos secos, que até então passavam despercebidos, enchiam d'água e cresciam como magia! Isso sempre me chamou

atenção. Engoliam os carros mais pequenos e as margens das estradas. Estar ali era ser “pau para toda obra”. Lembro-me de amarrar nosso pequeno 4x4 a um *landcruiser* para ajudar a rebocá-lo pois escorregava sem controle numa encosta com toda a família dentro! Cada uma...

Então, tão rápido quanto mudo de parágrafo o país mergulhou numa grande calamidade. No dia 6 de Abril de 1994, o Presidente Juvenal Habyarimana do Rwanda e o Presidente Cyprien Ntaryamira do Burundi morreram num desastre de avião. Ironicamente os dois líderes regressavam de uma Conferência de Paz em Dar-es-Salaam, que tinha sido convocada para discutir a implementação de um plano de partilha do poder entre os dois países. Vale lembrar que os dois presidentes eram *Hutus*, etnia maioritária, 85% da população da Rwanda. Tropas leais ao presidente morto realizaram uma limpeza étnica extremamente violenta em represália. Bastava ser *Tutsi* para ter a sentença de morte decretada a golpes de facão. A questão dos refugiados de Rwanda aumentou ainda mais as tensões, mas a Tanzânia se recusou a participar dos conflitos armados. De maneira que os habitantes não sofreram diretamente ameaças bélicas. Hoje faz 20 anos do genocídio e a população luta para superar esse trauma. Do nosso lado, me perguntava o que exatamente fazíamos por ali.

A questão da segurança era realmente necessária. Nossa casa era guardada por um Makonde (população seminômade do norte da Tanzânia, criadores de gado e grandes guerreiros) chamado John. Seu foco era a defesa da casa e o fazia muito bem com seu arco e flecha. Com suas roupas vermelhas e seus múltiplos colares, dava ao cenário um toque teatral, quase antagonico. Paralelamente havia um serviço de segurança privada para todo o quarteirão. Amigos alemães tiveram a família inteira assassinada, pois tinham objetos e coisas que aticavam o desejo dos outros. Dessa maneira, nada mais usual, quando queriam algo, matavam quem bloqueasse e se serviam. Era tão básico quanto isso. Quanto mais simples a fachada, mais seguros vivíamos.

O instinto era sem dúvida o leme daqueles barcos. Viviam conforme os desejos mais febris. Às vezes, chegava na recepção da empresa onde trabalhava meu marido e não via mais a funcionária de ontem. Perguntava. Não era mais surpresa ouvir que a fulana morreu de aids, o beltrano de malária ou que o outro foi “transferido”. Viviam, um dia de cada vez, entre a morte de uns e outros sem grandes tabus. Um contraponto eficaz se abríssimos os olhos.

Na Tanzânia, de maneira geral, a religião islâmica, católica e judia conviviam em relativa tranquilidade. Pelo menos no período em que vivemos ali. Claro que, em se tratando da África, havia magia negra, vudu e outras prática anímicas. Nós, particularmente, não tivemos contato com esses costumes mais violentos. Convivemos sim com pessoas extremamente parapsíquicas que eram videntes e conversamos com grande naturalidade a respeito, até demais.

Nesse sentido, conhecemos uma família de fazendeiros de origem grega que há muitos anos viviam em Dar-es-Salaam. Eram 5 filhos. Uns sessenta e poucos anos tinha a mãe, que liderava tudo. A casa dela, pois vivia separada dos outros, era inteiramente decorada e mobiliada com troncos de madeira de todo tipo de árvores. Intrigante. Era clarividente. Bastava olhar para a gente e, com jeito, desvendava nossas vidas discorrendo sobre tudo que percebia com imagem e legenda. As coisas aconteciam como ela dizia. Umas, ali imediatamente, e outras 10 anos depois, quando nem mais morávamos na Tanzânia. Não era uma figura tranquila, era bastante ansiosa e irrequieta. Às vezes, se fechava em sua casa o dia todo e ninguém conseguia ouvi-la ou vê-la. Os filhos também eram sensitivos. Um, caçador profissional de leões, muito procurado, dizia que falava com os animais. O outro, um pouco esquizofrênico, trabalhava na fazenda. Uma vez, ouviu latidos de cães, se virou para nós e disse: – “vão

entrar na casa de vocês”. Assim, na lata! Alguns minutos depois, ao ouvir um latido distinto, corrigiu: – “Não. Será no vizinho de vocês”. E dito e feito. Não preciso contar os detalhes. Dá para engolir seco!

A solidariedade fazia parte da nossa rotina. Isso era bem especial. Nossas necessidades eram comuns e visivelmente claras para todos. A ação para o outro se tornava espontânea. Criamos ali bons amigos com os quais ainda guardamos forte ligação. Judeus, romênios, gregos, suíços, holandeses, colombianos, argentinos, cubanos, franceses e uma família de brasileiros cujos filhos estudavam na escola francesa. Como não havia restaurantes, nem cinemas, trocávamos almoços e jantares sempre regados a histórias das mais esdrúxulas contadas nas mais diversas línguas. Alguns eram nativos da Tanzânia, os africanos brancos; gregos-tanzanenses, eram caçadores profissionais. Outro, ainda rome-no-judeu, era de Arusha, cidade aos pés do Kilimandjaro. Era proprietário de uma mina de tanzanitas naquela região (pedra preciosa muito rara, típica da Tanzânia) e de vez em quando nos regalava com uns pedregulhos. Às quintas-feiras havia um programa diferente. Podíamos ver filmes ao ar livre (se não chovesse) *in the Marine’s House*. Havia *hamburgers* vindos diretamente dos EUA. Ali conhecíamos a situação política da região, novidades do mundo e conversávamos sobre tudo.

Os *safaris* (viagem em swahili) nos parques nacionais da Tanzânia como Serengeti, Lake Manyara, Selous e a beleza selvagem daqueles animais livres, as cores do pôr do sol na savana, os baobás gigantes, deixaram imagens indeléveis nos nossos arquivos mentais. Na ocasião de um safari no parque Selous, à noite, durante o jantar, nos surpreendemos com a ausência de uma colega que descansava em sua tenda. Como estávamos todos muito cansados, comemos rapidamente e fomos dormir. No dia seguinte, ela nos contou que um hipopótamo escolheu a entrada da tenda dela para deitar, e ali ficou a noite toda.

Frequentemente, grupos iam escalar o Kilimandjaro e tentar chegar às suas “neves eternas” (hoje derretidas). O percurso era muito bem organizado, com carregadores de mantimentos e até cozinheiros especiais. Um pequeno descorforto respiratório costumava acontecer no meio do caminho, mas tinham todo o aparato necessário para remediar e o objetivo era alcançado na maioria das vezes. Os nativos sempre ali atentos e comunicativos. Para aqueles que falavam *swahili* traduziam as histórias mais singulares contadas pelos tanzanos.

Enfim, se tudo corresse bem, eram só boas recordações e aprendizados. Quando muito, um pânico para nos manter em alerta. No entanto, ainda que sentíssemos a África como um lugar sedutor e exuberante, havia uma mistura entre encantamento e “algo que não se podia confiar. Uma ameaça iminente. Era o que eu presentia o tempo todo. Não ficávamos “tranquilos”. Mais uma vez, para o carioca habituado a ter olhos nas costas, a tarefa não era nova.

Alguns problemas de saúde e acidentes de percurso preocuparam nossas vidas nesse período, mas foram bem solucionados graças à ajuda de médicos estrangeiros e amigos ali residentes. Nossa saída de Dar-es-Salaam se deu em meados de abril de 1996 em direção à Bordeaux, já com nossa filha Thais, com 3 meses de idade.

2. Marrakech, Marrocos, março de 2012

Para comemorar meu aniversário fomos passar 3 dias em Marrakech, aproveitando o gancho de uma reunião de trabalho do meu marido. Organizei minha bagagem principalmente com meu material de desenhos ao ar livre e meus livros. Um carnê de viagem de Marrocos e o estudo da história dali

poderiam ser boa pedida. Decidi que faria isso me infiltrando no meio daqueles artistas e comerciantes e observaria como eles eram, o que pensavam, como funcionavam. Fiquei entusiasmada, e foi o que fiz.

Instalei-me para tanto, na grande praça no central de Marrakech, mundialmente conhecida, *Jeema el Fna*. Ali onde ninguém dorme, tudo acontece e até as serpentes tem seu espaço de expressão.

Sentei-me num lugar mais isolado e desenhei a praça e toda aquela gente em movimento usando as cores de pigmentos locais (*souck*, mercado local) que havia comprado na véspera. Colei coisas (recortes de cartões postais e de papéis manuscritos em árabe, restos de tickets de avião, pedaços de mapas, grafismos recolhidos de folders, etc) enchendo algumas páginas. Decidi então que estava na hora de ousar um pouco mais e avancei no meio da multidão. Sentia-me bem.

Claro, fiquei atenta à reação dos muçulmanos, bem conhecidos por suas atitudes bruscas e machistas. Então, para facilitar minha penetração, sentei ao lado de uma dessas moças que pintam as mãos com henna natural através de uma seringa sem agulha, à maneira indiana. Muitas ganham a vida fazendo isso. Conversei com ela em francês, se chamava Fátima. Expliquei que também era artista e fazia *carnets de voyage*. E papo vem e vai. Mostrei os desenhos que havia feito e ela ficou entretida. Perguntava tudo. Estava encantada e eu com aquela nova situação.

De repente ela ficou séria e me perguntou quanto eu cobrava. Percebi que a coisa ali era fazer negócio. Expliquei que era um caderno de história de lugares onde estive, não era para vender. Segundo meu pedido, em vez de pintar minha mão, pintou numa página desse caderno. Na hora de pagar me pediu um dinheirão (500 dirhams, mais ou menos 40 euros). Não aceitei e fiquei brava. A conversa começou a esquentar e o que acalmou “os fachos” foi a questão de eu também ser artista e conhecer muito bem os altos e baixos financeiros, deveríamos ser solidárias. Pediu-me desculpas e ficamos amigas. Paguei 50 dirhams ela aceitou, sem reclamar. Disse-me que eu era pior que os *berbères* (etnia antiga do norte da África que foi muito próspera, famosos negociantes). Não sabia muito bem quem eram esses caras, mas fiquei na minha. O importante é que estávamos de acordo. Amigos da região já me haviam alertado em tomar cuidado com os valores pedidos ali na praça.

Achei que eu tinha conquistado mais alguma horas ali naquele *point* e continuei a desenhar.

De repente passa uma estrangeira, creio ser inglesa, fica olhando, conversa e me pergunta quanto era. Mais uma vez vi que a praça tem um efeito bom! Disse que os desenhos não estavam à venda. Me pediu que pensasse que voltaria depois. No mesmo instante, um vendedor de cinzeiros (vendia cada um a 10 dirhams e gritava em todas as línguas) viu a cena. Foi falar com um fulano apontando para mim, meio agitado. Aparentemente falava mal francês e o amigo traduzia tudo.

Continuei no meu papel de artista de praça, com certa apreensão. Vi que minha presença ali causou um certo reboliço. O tal do fulano se aproximou e praticamente me ordenou que mostrasse meus desenhos para eles. Mostrei calmamente mais uma vez todo meu caderno. Não sei o que me deu, talvez um certo medo de ficar em silêncio, e perguntei se ele conhecia o alfabeto. Para quê? Toquei no ponto fraco... O homem explodiu gritando com o amigo em árabe e não entendi nada.

Mais calmos, o amigo veio me dizer que tinha ficado nervoso porque dizia que esse negócio de alfabeto não servia para nada, era um grande porcaria, uma tolice, etc. Não concordei e mostrei uma outra página com caligrafias árabes feitas por um artista que tinha conhecido no dia anterior, na Fundação Omar Yussef. Completei dizendo que tinha pago 100 dirham para ele. Repeti que “não,

alfabeto não é inútil”. Naquele momento os dois amigos se entreolharam mudos. Logo repetiram “100 dirhams?” Senti minha pele em perigo. O vendedor de cinzeiros me ordenou, com tom de ameaça, que o ensinasse a fazer aquilo tudo. Expliquei que não era possível. Tinha levado 45 anos para chegar naquele ponto e que, além do mais, não sabia falar árabe, mas ele sim. As coisas óbvias tomaram outro rumo. Surpreendeu-me. Pena que não entendi o que diziam a seguir, mas, enfim, a mensagem foi passada a trancos e barrancos. A explosão dissipou e fiquei feliz com o efeito que pairava no ar. Ouso acreditar que a idéia possa ter servido para um ou para outro. Em todo caso, peguei o que era para mim. Arrumei minha coisas e estava indo embora quando o vendedor me gritou (como de hábito) dizendo: – *Insha’Allah!, Insha’Allah!*

Vejo como a ignorância traz arrogância. Podemos perder muitas oportunidades por pensar que temos razão ou que sabemos tudo. Espero, de verdade, que o vendedor de cinzeiros tenha dado um passo a frente, aprendido o alfabeto e esteja ganhando melhor sua vida. É disso que o povo africano necessita, esclarecimento, educação básica para criar mais autocrítica e fazer melhores escolhas. De fato, é o que todos precisamos, não é?

III. Conclusão:

Como não podia deixar de ser, escrevendo minhas vivências na Tanzânia 20 anos depois e pondo em palavras o ocorrido na praça Jeema al Fna, fiz despertar percepções adormecidas e surpreendentes. Obrigada Kátia Arakaki e Giuliana Costa por “complotarem” ao meu favor. Sabe lá o que será despertado a partir daqui!

Hoje, 14 de julho de 2014, levando em conta maior autocrítica recuperada com autopesquisas e com o conhecimento da ciência Conscienciologia, penso que há uma casuística bem mais complexa atrás desse percurso de viajante. Sigo minhas pesquisas pessoais e agradeço sempre ao grande amparo que tive durante todos esse anos de viagens internacionais e sobretudo nesse momento. Compartilho aqui uma frase, muito íntima, que me acompanha desde o momento que soube da nossa mudança para África, ou seja em 1994, que é: - “Não é todo mundo que tem uma vida dessas, você tem ideia da sua missão?” Todos nós temos um “cochicho desses no pé do ouvido”. Ignorava o conteúdo profundo dessa frase. Admito que continuo ignorando. Com o conceito de programação existencial, essa pergunta criou múltiplas facetas e, admito, fiquei petrificada. O desconhecimento sobre o tema do autoparapsiquismo intelectual é de fato coisa seríssima. Pude perceber contraponto valioso com o verbete *Auto-parapsiquismo artístico místico* da professora Málu Balona, e aproveitei para agradecer pelo seu talento didático. Sigo então com maior discernimento (fazendo força para) e colocando a multidimensionalidade no meu dia a dia. *Adelante*, mas sem atropelarmos a nós mesmos. De fato, temos todos coisa a ensinar. Boas energias para todos nós.

Madrid, 14 de julho de 2014
Maria Lucia Lindemann